

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

VERÔNICA PIRES VESSANI JANUÁRIO


**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO
PROFESSOR/ALUNO PARA O DESENVOLVIMENTO DA
APRENDIZAGEM**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2013

VERÔNICA PIRES VESSANI JANUÁRIO



**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO
PROFESSOR/ALUNO PARA O DESENVOLVIMENTO DA
APRENDIZAGEM**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Nova Londrina, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientadora: Prof. Me. Janete Santa Maria Ribeiro.

MEDIANEIRA

2013



TERMO DE APROVAÇÃO

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO PARA O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM

Por

VERONICA PIRES VESSANI JANUÁRIO

Esta monografia foi apresentada às 20:20 h do dia 06 **de dezembro de 2013** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Nova Londrina - PR, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **9.7**

Prof^a. Me. Janete Santa Maria Ribeiro
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof Dr. Vanderlei Leopold Magalhães
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^a. Me. Lucas dos Santos Júnior
UTFPR – Câmpus Medianeira

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso.-

Dedico a minha família,
razão do Meu trabalho e esforço,
Mistura mágica de sabedoria e
Afeto.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais, pela orientação, dedicação e incentivo durante toda minha vida.

A minha orientadora professora Me. Janete Santa Maria Ribeiro pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

A minha família por me incentivar e colaborar para que pudesse vencer as dificuldades, por terem sempre contribuído em minhas vitórias.

Agradeço à todas as pessoas que de forma direta ou indireta contribuíram para mais esta vitória em minha vida e que por um acaso não estão sendo citadas.

EPIGAFRE

Aos velhos e jovens professores, aos mestres de todos os tempos que foram agraciados pelos céus por essa missão tão digna e feliz. Ser professor é um privilégio. Ser professor é semear em terreno sempre fértil e se encantar com a colheita. Ser professor é ser condutor de almas e de sonhos, é lapidar diamantes.

(Gabriel Chalita).

RESUMO

JANUÁRIO, Verônica Pires Vessani. A Importância da Afetividade na Relação Professor/Aluno Para o Desenvolvimento da Aprendizagem. 2013. Quarenta páginas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

Este trabalho teve como temática a afetividade no relacionamento entre professor e aluno para que ocorra a aprendizagem. Visto a quantidade de conflitos cada vez mais frequentes entre professores e alunos em sala de aula e a obtenção de maus resultados na aprendizagem. Estas situações fizeram com que a afetividade ganhasse destaque e fundamental importância nos processos de ensino. Este tema vem sendo visto por estudiosos como caminho para a obtenção de bons resultados escolares e conseqüentemente na boa formação do aluno. Para um melhor entendimento sobre a influência da afetividade na vida dos seres humanos é necessário compreender a história que perpassa as gerações, isto é a história da humanidade, na qual se destacam as teorias de Wallon, Vygotsky e Libâneo. São apontadas também as fases do desenvolvimento da inteligência conforme a tese Piagetiana, assim como as tendências pedagógicas e uma reflexão sobre a afetividade em cada uma delas. Por ultimo, é relatada a experiência em sala de aula com um aluno da educação especial e como a afetividade teve uma influência fundamental no processo educacional desse aluno, revertendo um quadro psicológico inicialmente apontado como severo a um quadro considerado leve.

Palavras-chave: Afetividade; Desenvolvimento; Educação.

ABSTRACT

JANUÁRIO, Verônica Pires Vessani. The Importance of Affection in Teacher/Student Relation for the Development of Learning Process. 2013. Quarenta páginas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

This work was based on the role of affectivity in the relationship between teacher and student since there had been an increasing amount of frequent conflicts between teachers and students in classroom and the obtaining of poor results in the learning process. These situations have caused affectivity to gain prominence and fundamental importance in the teaching process. The issue has been seen by scholars as a way to achieve good school results and consequently good student education. For a better understanding of the influence of affectivity in the lives of human beings it is necessary to comprehend the history that runs through generations, that is, the history of mankind, which highlights the theories of Wallon, Vygotsky and Libâneo. The stages of cognitive development according to Piagetian theory are also listed in this work as well as the teaching trends and a reflection on affectivity in each one of them. Finally, we report the experience in the classroom with a student from special education and how affectivity had a fundamental influence on the educational process of this student, reversing a psychological framework initially pointed as severe to a framework considered mild.

Keywords: Affection; Development; Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	11
3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....	12
3.1 DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA EM RELAÇÃO À AFETIVIDADE E A APRENDIZAGEM.....	17
3.1.1 A importância do Afeto na Aprendizagem.....	17
3.1.2 Período Sensório Motor (0 a 2 anos).....	18
3.1.3 Período Intuitivo ou Pré-Operacional (2 a 7 anos).....	18
3.1.4 Período das Operações Intelectuais Concretas (7 a 12 anos).....	21
3.1.5 Período Operacional Formal (12 anos...).....	21
3.2 DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO PEDAGÓGICO E AFETIVO.....	24
3.2.1 Escola Tradicional.....	25
3.2.2 Escola Nova.....	26
3.2.3 Pedagogia Tecnicista.....	29
3.2.4 Pedagogia Crítico–Social dos Conteúdos.....	30
3.3 RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	31
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

Entende-se que a afetividade é um sentimento que influencia muito na relação professor/aluno. O aluno invariavelmente deposita no professor seus sentimentos de respeito e admiração ou negação e aversão.

Desta forma, a afetividade exerce um papel fundamental nas correlações psicossomáticas básicas e influenciam decisivamente nos aspectos cognitivos, ou seja, na concentração, percepção, memória, raciocínio e outros componentes essenciais para a harmonia e o equilíbrio da personalidade humana.

Partindo desse pressuposto pode-se refletir como tem se proliferado os conflitos na sala de aula, que envolvem ofensas e desrespeito, situações de desencontros que acabam chateando e desmotivando ambas as partes.

Esta pesquisa trata da importância da afetividade no relacionamento educacional, visto que a falta de afetividade numa relação pode causar enormes prejuízos que poderão ser barreiras ao indivíduo para toda a vida.

Não é raro ouvir depoimentos de pessoas que não conseguem fazer uma leitura expositiva, muito menos falarem em público, algumas vezes isso pode ser por conta de situações conflituosas e de ameaças que sofreram dentro da sala de aula, por parte do professor.

Entende-se que o indivíduo que é tratado com afeto, torna-se uma pessoa destemida, motivada, mais centrada, com capacidade de enfrentar os problemas que ocorrem no dia-a-dia.

Verifica-se também a necessidade do educador ser uma pessoa equilibrada para poder intervir de forma adequada nos conflitos que surgirem na sala de aula, levando em consideração que o bom relacionamento é o caminho para bons resultados escolares e conseqüentemente na vida adulta desses alunos.

Souza e Martins (2003) comentam sobre a teoria de Freud, onde aspectos extremamente significativos para o nosso desenvolvimento pessoal e emocional são formados ainda na infância, mais especificamente nos primeiros sete anos de vida. Algumas práticas inadequadas de educação das crianças poderão resultar em prejuízo para o seu ajustamento, quando adultos.

Consideramos que a formação docente está arraigada em uma tradição cultural e científica das licenciaturas que não se destacava o aspecto afetivo-emocional como parte fundamental da aprendizagem, se faz necessária uma ruptura

nesse modelo para que seja inserida na formação desta nova geração de professores uma preparação para lidar com os alunos na sua totalidade psíquica. Como alerta Morgado (2002, apud CAMARGO e LIMA, 2009, p. 55), “Em vez de conferir o lugar adequado para a emoção, no início, deixa-se para abordá-la como último recurso, quando talvez não haja mais interferência pedagógica possível”.

. Nesse contexto é que surgem as indagações: que importância deve ser dada a afetividade para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem? Qual a importância do professor para o desenvolvimento cognitivo, psicológico e social do aluno?

Contudo para entender a educação, se faz necessário voltar ao passado e analisar todo o sistema educacional juntamente com os momentos históricos e sociais que ambos andam juntos, bem como para entendermos a escola atual deve-se fazer uma retrospectiva educacional, a fim de propiciar uma compreensão sobre as mudanças que foram ocorrendo entre a educação e o uso da afetividade na relação entre o professor-aluno em cada época.

Uma característica relevante é a constatação de que o conhecimento se desenvolve por etapas, as quais Piaget define como estágios de desenvolvimento, estágios esses que concluiu a partir de estudos de seus próprios filhos, investigando o desenvolvimento cognitivo dividido em várias fases, o funcionamento cognitivo e afetivo desde o nascimento até a adolescência.

É notório que há necessidade urgente em se valorizar não apenas os aspectos cognitivos como também o afeto, as emoções, a solidariedade, para que se estabeleçam laços de fraternidade e se possam resgatar os valores que se perderam, através dos quais os alunos se espelhavam no professor como fonte de inspiração, visto que estes são fatos que se perderam ao longo do tempo nas mudanças ocorridas na sociedade.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O encaminhamento da pesquisa se dará pela pesquisa bibliográfica.

A pesquisa bibliográfica enquanto encaminhamento metodológico de estudos científicos objetiva compreender o tema estudado através das contribuições teóricas dos autores consultados, considerando a produção já existente.

Gil (1993) caracteriza a pesquisa bibliográfica como um método que utiliza livros e artigos já elaborados por outros autores e que para Cervo e Bervian (1983), se consegue explicar um determinado tipo de problema ou situação observando algumas obras já realizadas sobre o determinado assunto.

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica a coleta de dados se realizará através de livros, revistas, artigos, visita de estudo na biblioteca municipal com a finalidade de selecionar autores e conhecer as suas interpretações sobre uma educação embasada no afeto, no respeito e na boa convivência atendendo aos objetivos propostos nesta pesquisa.

Depois de selecionados os materiais para a pesquisa, serão realizados a leitura e fichamento eletrônico onde serão armazenadas as informações importantes que poderão ser utilizadas na pesquisa.

3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

O homem é um ser social que necessita do relacionamento, da interação para desenvolver-se e construir a sua própria identidade.

Isto é um fato que se percebe ao estudar a história da humanidade. Através da qual podemos constatar que o relacionamento social perpassa todas as gerações e é responsável pela agregação de povos, pela construção de culturas e valores, bem como a construção e crescente progressão do mundo.

Assim se faz necessário que este relacionamento seja harmonioso, afetivo e prazeroso em todas as instâncias, haja vista as exigências do mundo atual, em que para se obter sucesso na vida adulta, não basta ser pessoas inteligentes, mas é preciso também se pessoas equilibradas, amorosas, capazes de interagir, relacionar-se e conviver em grupo, respeitando as diferenças de um mundo multicultural.

Portanto, sendo a escola uma instituição de formação e o professor um formador de opinião, se evidencia aí a responsabilidade e a importância do relacionamento afetivo entre professor e aluno para a interação formativa, a fim de que o indivíduo se desenvolva de forma qualitativa, e que as atividades do cotidiano sejam prazerosas como destaca Paulo Freire.

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento de pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma 'cantiga de ninar'. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (FREIRE, 1996. p. 96).

Ultimamente ampliou-se o campo dos estudos sobre o comportamento humano, através dos quais tem se evidenciado que é preciso deixar para trás o mito da dualidade, em que os educadores dividiam as crianças em duas metades: a cognitiva e a afetiva.

As teorias de Wallon, Piaget e Vygotsky, revelam fenômenos importantes, para a compreensão do desenvolvimento da pessoa.

Esses autores defendem a ideia de que a razão e a emoção estão intrinsicamente ligadas aos processos de aprendizagem do ser humano. Para Wallon a interação da criança com o meio promove o desenvolvimento, partindo da

interação do potencial genético, típico da espécie, e uma grande variedade de fatores ambientais.

Estas revoluções de idade para idade não são improvisadas por cada indivíduo. São a própria razão da infância, que tende para a edificação do adulto como exemplar da espécie. Estão inscritas, no momento oportuno, no desenvolvimento que conduz a esse objetivo. As incitações do meio são sem dúvida indispensáveis para que elas se manifestem e quanto mais se eleva o nível da função, mais ela sofre as determinações dele: quantas e quantas atividades técnicas ou intelectuais são à imagem da linguagem, que para cada um é a do meio (WALLON, 1995, p. 210).

De acordo com a obra Walloniana a afetividade e a inteligência caminham juntas. Apesar de terem funções diferenciadas, são interdependentes para que ocorra a evolução psíquica e o desenvolvimento global das crianças, possibilitando o alcance de níveis de evolução cada vez mais elevados, pois à medida que a afetividade se desenvolve interfere na inteligência e vice-versa.

Importante salientar que a afetividade e a inteligência não são prontas nem imutáveis, mas estão sempre em construção. Ambas evoluem de acordo com o desenvolvimento e este por sua vez torna as necessidades afetivas em necessidades cognitivas.

A teoria de Wallon destaca-se nos estudos sobre afetividade, através dos quais se defende e afirma que a dimensão afetiva ocorre ao longo do desenvolvimento do indivíduo e esta é imprescindível para alicerçar e solidificar a construção da pessoa e do conhecimento.

Segundo esta teoria, desde as primeiras expressões de sofrimento e de prazer que a criança experimenta, se correlaciona a afetividade, mesmo que sejam em estágio primitivo, de base puramente orgânica, fundamentada no tônus muscular, poderá gradativamente tornar-se mais moral.

Isso se dará no decorrer do desenvolvimento, quando a afetividade passa a ser fortemente influenciada pela ação do meio social. Por conta disso é que Wallon defende uma evolução progressiva da afetividade, cujas manifestações vão sofrendo alterações que passam da base orgânica, para os resultados dos relacionamentos sociais.

É inevitável que as influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço tenham sobre sua evolução mental uma ação determinante. Não porque criam peça por peça suas atitudes e seus modos de sentir, mas precisamente, ao contrário, porque se dirigem, à medida que ela desperta a automatismos que o desenvolvimento espontâneo das estruturas nervosas contém em potência, e, por intermédio deles, a reações de ordem íntima e fundamental. Assim o social se amalgama ao orgânico. (WALLON, 2010, p.122).

A afetividade está representada por um conjunto de fatores abrangentes que são: sentimentos, emoção e paixão. Segundo a teoria de Wallon, não devem ser confundidos, pois há distinção entre eles.

Segundo WALLON (2010, p.124), “a emoção é a exteriorização da afetividade”. Sendo o primeiro recurso de ligação entre o orgânico e o social. A emoção procede de variações do tônus visceral e muscular acompanhadas por prazer e desprazer por meio de alterações orgânicas, como a aceleração dos batimentos cardíacos e as alterações físicas, expressas por meio de expressão facial, riso e lágrimas. É a emoção que uni os indivíduos entre si por suas reações mais orgânicas e mais íntimas.

Já os sentimentos, aparecem mais tarde, quando se inicia na criança as representações, não ocorre de forma instantânea e direta. A paixão aparece mais tarde ainda, por volta dos três anos de idade, quando existe a capacidade de tornar a emoção silenciosa, isto é, envolve o autocontrole do comportamento.

Conforme Wallon *apud* Almeida a afetividade está acima das manifestações dos sentimentos, como paixão e emoção, ou seja, ela atinge uma profundidade psíquica que abrange todas as reações, sejam estas, estado de bem-estar ou mal-estar do indivíduo. A afetividade é um domínio funcional que perpassa desde as primeiras manifestações basicamente orgânicas, até as mais diversas evoluções do ser humano.

Desta forma é possível constatar que um ambiente afetivo é fundamental para o equilíbrio emocional das pessoas, através do qual se evidencia as boas lembranças, os bons sentimentos e vai sendo aniquilado os sentimentos negativos (raiva, ódio, ciúme, culpa, etc.), porque do contrário seria impossível conviver diariamente com todas as experiências negativas vivenciadas. Para tanto é de se esperar que o aparelho psíquico esteja preparado para selecionar lembranças, como uma maneira sábia de se auto preservar da sobrecarga de dados negativos que a

realidade fornece e que não devem ser o foco da atenção, evitando assim o desequilíbrio emocional.

Vygotsky (1996) explicita claramente sua abordagem unificadora entre as dimensões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico. O autor comenta sobre a forma de pensar que, assim como o sistema de conceitos e sentimentos nos é imposto pelo meio ao qual estamos inseridos. Não apenas sentimos, o sentimento é percebido em forma de ciúme, cólera, ofensa, entre outros, que pelo simples fato de nomearmos faz com que estes variem, já que estão atrelados aos nossos pensamentos.

De acordo com a teoria sócio-histórico-cultural de Vygotsky, a origem das mudanças que ocorrem no ser humano, ao longo do seu desenvolvimento, está associada às interações que ocorrem entre o indivíduo e a sociedade, sua cultura e história de vida. Sendo assim evidencia-se ainda mais a necessidade de se construir um ambiente harmonioso dentro da sala de aula, pois é aí que crianças e jovens constroem uma grande parte de sua história, bem como o desenvolvimento das funções mentais superiores. É impossível cobrar afeto, amor, boas maneiras, respeito de um indivíduo que se desenvolve e interage num ambiente que não proporciona esses estímulos.

É importante salientar que um ambiente harmonioso se constrói com autoridade e disciplina, pois ser um professor afetuoso, não significa que tem que ser bonzinho, aquele professor que sempre deixa passar, não exige o cumprimento das regras em sala de aula, age como se fosse pai ou mãe dos alunos e adota alguns em especial. Segundo Libâneo (1994), a afetividade não se refere ao carinho do professor para com uma determinada criança, mas se refere a uma postura afetiva e positiva deste na relação grupal, onde exerça sua autoridade (não autoritarismo). Nesta relação o professor estabelece objetivo e metas para com a turma, porém oferece condições e mediações que favorecem a construção da aprendizagem, certo de que para se chegar ao acerto todos passarão pelos erros e que estes proporcionam o crescimento do grupo. Nesta perspectiva Libâneo destaca que:

Na sala de aula o professor exerce uma autoridade, fruto de qualidades intelectuais, morais e técnicas. Ela é um atributo da condição profissional do professor e é exercida como independente dos alunos. O professor estabelece objetivos sociais e pedagógicos, seleciona e organiza os conteúdos, escolhe métodos, organiza a classe. Entretanto essas ações docentes devem orientar os alunos para que respondam a elas como sujeitos ativos e independentes. A autoridade deve fecundar a relação educativa e não cerceá-la (LIBANEO, 1994, p. 251).

Portanto existem alguns comportamentos que se manifestam na vida adulta que podem ser resultados de fatores que ocorreram no ambiente escolar.

Para Piaget o desenvolvimento acontece por estágios e a personalidade vai sendo construída à medida que acontece a socialização.

A personalidade não é o 'eu' enquanto diferente dos outros 'eus' e refratário à socialização, mas é o indivíduo submetendo-se voluntariamente às normas de reciprocidade e de universalidade. Como tal longe de estar à margem da sociedade, a personalidade constitui o produto mais refinado da socialização (PIAGET, 1973, p. 245).

Para Piaget (1970), ao longo da infância e através da socialização é que se consolida a moral, visto que todo processo de desenvolvimento perpassa pelas dimensões psíquicas: cognição, afeto e moral, aos aspectos afetivos dependem o desenvolvimento intelectual e cognitivo, ou seja, paralelo ao desenvolvimento cognitivo está o desenvolvimento afetivo.

Sendo assim é possível descrever o afeto como a válvula propulsora do desenvolvimento da aprendizagem. Portanto ele é indispensável e deve estar presente na relação entre professor e aluno dentro da sala de aula, bem como em qualquer ambiente de aprendizagem.

Convém lembrar a importância do espaço oferecido para os alunos, e que o próprio ambiente revela se houve amor e dedicação ao prepará-lo, bem como a expectativa de quem o preparou se deseja realmente que haja a efetivação da aprendizagem. Pois de acordo com os autores aqui destacados, é na interação com o meio que se desenvolve a aprendizagem, sendo importante considerar a troca que ocorre entre os dois elementos: homem e meio, pois o homem transforma o meio e o meio transforma o homem.

Desta forma, vale destacar que um ambiente descontraído, arejado, com cores e decorações favorece e estimula o envolvimento dos educandos, possibilitando que a aprendizagem ocorra de uma forma mais dinâmica, tendo como fator primordial a afetividade no ato de aprender e desenvolver o pensamento crítico reflexivo.

3.1 DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA EM RELAÇÃO À AFETIVIDADE E A APRENDIZAGEM

3.1.1 A importância do afeto na aprendizagem

Para que haja uma compreensão de forma ampla sobre o tema da afetividade na relação professor/aluno, entende-se que se faz necessário primeiramente tratar da Psicologia do Desenvolvimento, especialmente o desenvolvimento cognitivo estudado por Jean Piaget.

A infância é uma etapa biologicamente útil, que se caracteriza como sendo o período de adaptação progressiva ao meio físico e social da criança. A adaptação, o que Piaget também denomina de equilíbrio, dura toda infância e adolescência e define a estruturação própria destes períodos existenciais.

Ao longo de sua vida Piaget observou que ocorrem diferenças na interação com o meio, dependendo da faixa etária. A estas maneiras diferentes de agir e pensar, Piaget denominou estágio ou período. Para este autor a criança é vista como agente do seu próprio desenvolvimento, e ela irá construí-lo a partir de quatro determinantes básicos: maturação, estimulação do ambiente físico, aprendizagem social e tendência ao equilíbrio. E este processo é observado em todas as crianças, permitindo assim a afirmação de que a maioria das crianças de uma dada cultura amadurece seus processos biológicos e fisiológicos, em faixas etárias aproximadas, o que contribui para que ocorra o desenvolvimento das estruturas mentais, e os seus mecanismos funcionais de forma comum à grande maioria das crianças de uma mesma idade cronológica, entra neste ponto o papel da psicologia na educação.

Educar é adaptar a criança ao meio social adulto, isto é, transformar a constituição psicobiológica do indivíduo em função do conjunto de realidades coletivas às quais a consciência comum atribui algum valor. Portanto, dois termos na relação constituída pela educação de um lado, o indivíduo em crescimento, de outro os valores sociais, intelectuais e morais nos quais o educador está encarregado de inicia-lo (PIAGET, 1970, p. 137).

Piaget foi um dos grandes estudiosos da Psicologia do Desenvolvimento, dedicou-se especificamente ao estudo do desenvolvimento cognitivo, e ele concluiu pela existência de quatro estágios ou fases do desenvolvimento da inteligência. Em cada estágio constitui uma forma particular de equilíbrio e um estilo característico através do qual a criança constrói seu conhecimento e como afetividade se manifesta.

O Desenvolvimento Cognitivo advém da transformação de funções inatas, biológicas (percepção, atenção involuntária, memória, associações simples) inserida nas práticas da cultura – elaboração de modos sócio-culturais de conhecer, de perceber, lembrar, atentar, simbolizar, conceituar/significar, raciocinar, sentir, agir, se relacionar com os outros e consigo mesmo (SALVADOR, 1999, p. 125).

3.1.2 Período sensório motor (0 a 2 anos).

O eu da criança começa a desenvolver desde o nascimento, porém não há diferenciação entre o eu e o mundo exterior, ou seja, a criança inicialmente não tem consciência de uma existência separada e diferenciada de sua mãe.

A criança aprenderá a distinguir seu corpo daquilo que não é seu corpo, por meio das sensações corporais que experimenta e os contatos com a mãe, através da percepção e dos movimentos, de todo universo prático que a rodeia. Nesta etapa, são de suma importância, as relações sociais e afetivas que se estabelece com as pessoas do ambiente, como as trocas vocais e as mímicas que ocorrem entre adultos e a criança.

Nesta fase irá ocorrer a organização psicológica básica, em todos os aspectos: perceptivo, motor, intelectual, afetivo e social. É neste momento que a criança desenvolve atividades importantíssimas para o seu desenvolvimento global, o controle da cabeça, sentar, apoiar, rolar, manipular, tocar, engatinhar, ficar de pé com apoio, logo após sem apoio, andar, por último correr, saltar, chutar e rebater.

Desta forma é possível constatar uma conquista, através da percepção e dos movimentos, bem como a sua inter-relação e percepção de si mesmo como um objeto espacialmente colocado e integrado.

A evolução da afetividade durante os anos iniciais dá lugar a um novo conjunto, que corresponde exatamente aquele estabelecido através do estudo das funções motoras e cognitivas. O ser humano é um ser complexo, que vai da razão a emoção, portanto existe um vínculo constante entre a vida afetiva e a intelectual.

E a afetividade se manifesta nas emoções primárias, medos (ligados a perda de equilíbrio) e afetos perceptivos (sensação de agradável, desagradável, prazer, dor). São afetos ligados à própria ação da criança com outras pessoas.

O eu no início, está no centro da realidade, porque é inconsciente de si mesmo e, à medida que se constrói como uma realidade interna ou subjetiva, o mundo exterior vai se objetivando. Em outras palavras, a consciência começa por um egocentrismo inconsciente e integral, até que os progressos da inteligência sensório-motora levem à construção de um universo objetivo, no qual o próprio corpo aparece como elemento entre os outros, e, ao qual se opõe a vida interior, localizada neste corpo (PIAGET, 1964, p.19).

Neste processo se desenvolvem os sentimentos inter-individuais (simpatias, antipatias, pelas pessoas ou alegrias e tristezas por algo que deseja). Esta conduta provém da afetividade que gera a interligação com o aspecto cognitivo. Não existe uma ação só intelectual ou só afetiva. Ambos estão ligados a toda e qualquer ação.

3.1.3 Período intuitivo ou pré-operacional (2 a 7 anos)

Nesta idade a criança desenvolve a capacidade de representar uma coisa por outra, é marcado pela formação da função simbólica ou semiótica (símbolos mentais: imagens e palavras que representam objetos ausentes); como por exemplo, a caixa de fósforos, ou de leite pode se transformar num carrinho para brincar. Em outra brincadeira como a de casinha a criança passa a representar uma pessoa adulta e age como em situações da vida diária, vivida dentro de casa.

A função simbólica permite, deste modo, que a inteligência sensório-motora se prolongue em pensamento, mas duas circunstâncias se retardam, pelo contrário, a formação das operações propriamente ditas, e de tal modo que, durante todo esse segundo período, o pensamento inteligente permanece pré-operatório (PIAGET, 1970, p. 32).

Pelo jogo simbólico a criança excita não apenas a sua capacidade de pensar, mas também suas habilidades motoras, pois salta, corre, gira, empurra etc. Além de que são fontes riquíssimas para o desenvolvimento da linguagem, que neste período ocorre uma verdadeira explosão.

Na afetividade se destaca o desenvolvimento dos sentimentos inter-individuais, afeições, simpatias ligados à socialização das ações. Evidenciam-se os sentimentos morais e regulam-se os interesses e valores, isto é um objeto que deseja tornar-se interessante à medida que corresponde a uma necessidade. Nesse período as atividades que são valorizadas pelo sujeito são aquelas que vão de encontro com a sua necessidade, que poderão ser palavras, desenhos, imagens etc.

É um período que requer mais atenção e intervenção do adulto, pois começam a surgir os sentimentos de inferioridade ou superioridade, dependendo do sucesso ou o fracasso obtido pela criança na execução das suas atividades, como, por exemplo, numa brincadeira ser a princesa linda e boazinha ou ser a bruxa feia e má. Ou em uma brincadeira de disputa, que existem perdedores e ganhadores.

Este é um momento delicado na relação do adulto com a criança, sejam estes familiares ou professores, pois na interação com as pessoas haverá simpatias e antipatias, quando faz um desenho (rabiscos) espera ser valorizada, se isso acontecer ficará feliz e satisfeita, se ao contrário receber uma resposta de desvalorização, isso provocará um afastamento da pessoa gerando a antipatia.

Faz-se necessário uma conquista para que sejam estabelecidos valores nesta relação como: respeito, obediência, carinho e amor. Existem regras de conduta para uma boa convivência que deverão ser bem trabalhadas e não apenas impostas com autoritarismo à criança, porque desta maneira acabaria provocando a rejeição total e talvez irreversível neste relacionamento.

Convém lembrar que quando o respeito se torna mútuo, os sentimentos morais serão espontâneos, porque a criança ama o outro à medida que se sente amada por ele, e compreendida em seus sentimentos.

3.1.4 Período das operações intelectuais concretas (7 a 12)

Este período será marcado por grandes aquisições intelectuais, de acordo com as proposições piagetianas, agora ocorre um declínio, quanto ao egocentrismo e um crescente incremento do pensamento lógico. Distancia-se do simbólico, para dar lugar a razão, ou seja, as representações anteriores que se misturavam o real e o fantástico serão substituídos por uma atitude crítica.

Outro aspecto relevante nesse período refere-se ao surgimento da capacidade de lidar com as operações mentais, o raciocínio, ou seja, ela começa a compreender o processo mental e não mais apenas através de ações físicas e concretas típicas da inteligência sensório-motor (se lhe perguntarem, por exemplo, qual é a vareta maior, entre várias, ela será capaz de responder acertadamente comparando-as mediante a ação mental, sem precisar medi-las usando a ação física).

Desenvolve ações internas: operação, conservação (quantidade, constância, peso, volume), este desenvolvimento será coerente e integrado no comando do sistema cognitivo, no aprender a ler, escrever, aprender a lógica da matemática e o espaço temporal.

Nesta fase, os afetos adquirem mais estabilidade e consistência, há cooperação, reciprocidade, autonomia, o que leva a criança a realizar operações reversíveis internalizadas e a afetividade caracteriza-se por novos sentimentos morais, pela organização da vontade e por maior regulamento da vida afetiva, se tornam capazes de considerar o ponto de vista dos outros. Amplia seus contatos sociais e as experiências que surgem com estes contatos. As imagens que adquire sobre si mesmo repercutem sobre seu sentimento de identidade.

3.1.5 Período Operacional formal (12 anos...)

Apresenta como característica essencial a distinção entre o real e o possível. A operação se realiza através da linguagem (conceitos). O raciocínio é de hipóteses, dedução, probabilidade e raciocínio científico. É capaz de prever as relações que poderiam ser válidas na resolução de um problema e fazer experimentações. A capacidade de sair-se bem com as palavras e a independência em relação ao recurso concreto permite: ganho de tempo; aprofundamento do conhecimento; domínio da ciência da filosofia. Este período caracteriza-se pela conquista da

autonomia pessoal. No período das operações concretas ocorreram progressos significantes, porém ainda com algumas limitações, relacionadas ao fato de que tanto os conceitos, como as operações mentais só são possíveis a objetos ou situações concretas.

Na adolescência, esta limitação se desfaz, o pensamento liberta-se da experiência direta e as estruturas cognitivas adquirem maturidade, ou seja surge a capacidade de pensar sobre o hipotético, o abstrato como: amor, fantasia, justiça, esquema, democracia, é capaz de refletir sobre o próprio pensamento, ou seja, nesta fase o adolescente critica, avalia e reflete sobre a lógica e a qualidade do seu próprio pensamento.

Convém lembrar as transformações físicas que surgem nesta fase, que desencadeiam novos sentimentos que deverão ser bem trabalhados, para a contribuição da valorização de si mesmo e para a afirmação do sentimento de identidade. Ocorre aí uma busca de diferenciar-se de seus pais, procurando a sua própria identidade. Percebe-se então, que acaba se identificando com um determinado grupo e por um tempo veste-se e age como tal, até que busca também a diferenciação deste grupo e à elaboração de um autoconceito mais coerente e seguro.

À medida que se desenvolve, as ideias infantis vão sendo deixadas de lado, já que surgem novas estruturas cognitivas que favorecem a estabilidade e a sistematização do raciocínio adulto.

No campo da vida afetiva, também ocorre equilíbrio dos sentimentos com aumento da idade. Destacando que o desenvolvimento afetivo que é paralelo ao cognitivo também tende a se estabilizar, possibilitando uma forma final de equilíbrio, que se encontra na afetividade do adulto.

O desenvolvimento do ser humano e a consciência de si vão sendo construídos pelo sujeito nas suas relações com o outro. Este é um fator relevante no que se refere ao educador, pois cabe a ele permitir e oportunizar a criança diversas situações para que ela mesma experiencie e construa seu conhecimento, e desenvolva sua afetividade.

As reflexões acerca da afetividade na importante e difícil relação entre professor e aluno, feitas à luz dos três principais fundamentos teóricos da Psicopedagogia: Piaget, Wallon e Freud, deixam claro que a afetividade e inteligência se misturam, necessitando uma da outra para evoluir, visto que a

dimensão afetiva é um elemento essencial para o desenvolvimento da espécie humana.

Piaget considera que é de suma importância para a criança o trabalho em grupo, onde haja o respeito mútuo e exercício de cooperação, partindo da experiência histórica de cada um e de seu nível de desenvolvimento. Desta forma os esquemas afetivos são construídos na relação com o meio, formando o caráter da criança, e o sentimento de respeito que ela nutre em relação a outras pessoas.

Henri Wallon enfatiza em seus estudos, que os aspectos cognitivo e afetivo são inseparáveis. Também dedica um grande espaço às emoções como formação intermediária entre o corpo, sua fisiologia, seus reflexos e as condutas típicas de adaptação.

Entre a emoção e a atividade intelectual, mesma evolução, mesmo antagonismo. Antes de qualquer análise, o sentido de uma situação se impõe pelas atividades que desperta, pelas disposições e atitudes que suscita (WALLON, 2010, p. 125).

Ele destaca a importância da criança compreender que na escola há uma disciplina diferente da que ela recebe em casa, além da relação pessoal entre ela e seu educador. Para isso é imprescindível que o professor esteja consciente de sua responsabilidade, para que as tomadas de decisões sejam de acordo com os valores morais e as relações sociais de sua época, levando em consideração a história de vida cultural e familiar de seus alunos.

Freud considera os primeiros cinco/seis anos de vida decisivos para a formação da personalidade. Até o ingresso na escola, às crianças tinham seus pais como seus grandes ídolos, agora esse quadro muda e os professores passam a ocupar este lugar, gerando certo conflito para os pais que não estejam preparados para esse fenômeno.

Este é um momento fundamental, em que o professor tem nas mãos um compromisso de ensinar aos seus alunos não somente os conteúdos pedagógicos, mas também outros assuntos pertinentes à formação da sua personalidade. São questões delicadas, em que uma decepção poderá gerar consequências danosas para a vida deste futuro adulto.

Enfim, é possível constatar a importância da afetividade no meio educacional, e na prática dos educadores, quer seja através das emoções, das ações ou do desejo e da transferência, para o melhor desenvolvimento da aprendizagem do aluno e, conseqüentemente, para uma melhor relação entre este e o professor.

Convém lembrar que a escola deve proporcionar a valorização das relações, visto que o desenvolvimento da aprendizagem está vinculado aos aspectos sociais afetivos e cognitivos.

3.2 DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO PEDAGÓGICO E AFETIVO

O ensino é um processo social, integrante de múltiplos processos sociais, nos quais estão implicadas dimensões políticas, ideológicas, éticas, pedagógicas, frente às quais se formulam objetivos, conteúdos e métodos conforme opções assumidas pelo educador, cuja realização está na dependência de condições, seja aquelas que o educador já encontra seja as que ele precisa transformar ou criar (LIBANEO, 1994, p. 56).

As tendências pedagógicas vêm das realizações sociais e filosóficas, desenvolvem-se em contextos diferenciados, em determinado momento histórico, propiciam a união das práticas didáticas pedagógicas, favorecem o conhecimento que propicia mudanças na prática pedagógica. Importante ressaltar que as tendências apresentam características e projetos políticos-pedagógicos próprios, mas com um só objetivo, orientar as ações pedagógicas. Cabe aos educadores conhecer as tendências para tê-las como base nas resoluções dos problemas e no pensar da prática pedagógica. Vale salientar a importância das tendências como embasamento da práxis, porém cabe ao professor construir sua prática escolar. As tendências aqui focadas estarão vinculadas à realização da afetividade em cada momento.

3.2.1 Escola Tradicional

A escola clássica tem como princípio o ensino pelo professor, enquanto o aluno é um “ser passivo”. Ela também privilegia a camada do poder, tendo suas regras baseadas no autoritarismo, com normas disciplinares rígidas. Sendo assim, o

papel da escola é o de transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade. A transferência da aprendizagem depende do treino, através de exercícios, sendo imprescindível a memorização, para que o aluno responda a situações novas de forma semelhante às situações anteriores. Pode-se afirmar que nesta pedagogia há uma redução do processo educativo, exclusivamente a dimensão do saber. “O aluno é assim, um recebedor da matéria e sua tarefa é decorá-la. Os objetivos explícitos ou implícitos referem-se à formação de um aluno ideal, desvinculado da sua realidade concreta” (LIBANEO, 1994, p. 64).

O professor é o responsável pela transmissão dos conteúdos é o centro do processo educativo, este método está baseado no conhecimento do mestre/professor, em um caráter “magistrocêntrico”. Deve, portanto, ter domínio dos conteúdos fundamentais e ser bem preparado para a transmissão do acervo cultural, que por sua vez transmitia seus conhecimentos através dos exercícios de fixação. Ele tem poder decisório quanto aos conteúdos, metodologia e avaliação. Há uma tendência de tratar todos os alunos igualmente: todos deverão seguir o mesmo ritmo de trabalho, estudar os mesmos textos, no mesmo material didático e adquirir os mesmos conhecimentos, como uma forma, todos iguais.

A escola é organizada como uma instituição centrada no professor, o qual transmite, segundo uma gradação lógica, o acervo cultural aos alunos. Aos alunos então fica incumbido a tarefa de assimilar os conhecimentos que lhes são transmitidos (SAVIANI, 1991).

Mizukami (2006) define com maior profundidade e abrangência a relação entre professor e aluno, ela divide os períodos da história da educação em abordagens, onde na abordagem tradicional verifica-se que o professor ocupa o centro de todo o processo educacional, tendo uma postura ditatorial intimamente ligada à transmissão do conteúdo, cumprindo assim com o objetivo da escola e sociedade que lhe são impostos de apenas transmitir o conteúdo sem a formação crítica dos educandos.

Os alunos por sua vez eram extremamente dependentes dos professores, e o viam com certo medo, pois sua palavra prevalecia acima de tudo, não se valorizava o pensar nem o intelecto do aluno, o professor acreditava que sua imposição faria valer o conhecimento e que o papel principal da educação seria o seu. “O educador para por em prática o diálogo, não deve antes, colocar-se na

posição de quem não sabe tudo, reconhecendo que mesmo um analfabeto é portador do conhecimento mais importante o da vida” (GADOTTI, 1992, p. 02).

A relação professor-aluno não deve ser embasada na imposição, no autoritarismo, mas sim na cooperação e no respeito, permitindo que o aluno seja sujeito ativo no seu processo de construção do conhecimento. É importante destacar que é um processo de ensino e aprendizagem, pois à medida que o professor desenvolve suas ações pedagógicas deve aprender a aprender, visto que ao ensinar também se aprende.

A beleza do processo educacional, é que não se trata de algo estático, é uma ação dinâmica que permite troca de experiências relacionada a fatos da vida, é um permanente processo em movimento e transformação. Dessa forma a educação não pode ser vista como espaço de sofrimento, de pura disciplina e autoritarismo, mas a visão que deve prevalecer é de que é um espaço de desenvolvimento com prazer e alegria. Ou seja, uma ação pedagógica que expressa uma ação amorosa. Rossini (2001), em seu trabalho, relaciona a falta de afetividade à carência de motivação e pouco interesse de crescimento, assim como a rejeição aos livros didáticos. A autora então, afirma que o aprender deve ser uma ação prazerosa, ao aluno que este tenha anseio pelo saber e procure sempre o desenvolvimento.

Compreende-se que o professor deve ter envolvimento com seus alunos, estar atento a qualquer mudança de comportamento para que não haja interferência no desenvolvimento de sua aprendizagem.

3.2.2 Escola Nova

Nesta tendência ocorre uma inversão de valores, a criança passa a ser tratada como criança, e não como um pequeno adulto.

Mizukami (1986) comenta sobre a tendência escola novista dizendo que: “A escola decorrente de tal posicionamento será uma escola que respeite a criança tal qual é, e ofereça condições para que ela possa desenvolver-se em seu processo de vir a ser”. Nesta perspectiva o método de ensino é baseado no aprender a aprender, ou no aprender fazendo, acreditava-se que a autonomia dos alunos daria um impulso na participação total dos alunos na busca do conhecimento. Ao contrário da escola tradicional, esta compreende o professor como um facilitador do processo de

aprendizagem, que intervém para colaborar na formação do raciocínio do aluno e não mais como alguém que ocupa um lugar privilegiado de detentor do saber.

O que o professor tem a fazer é colocar o aluno em condições propícias para que, partindo das suas necessidades e estimulando os seus interesses, possa buscar por si mesmo conhecimentos e experiências. A ideia é a de que o aluno aprende melhor o que faz por si próprio. Não se trata apenas de aprender fazendo, no sentido de trabalho manual, ações de manipulação de objetos. Trata-se de colocar o aluno em situações em que se mobiliza a sua atividade global e que se manifesta em atividade intelectual, atividade de criação, de expressão verbal, escrita, plástica ou outro tipo. O centro da atividade escolar não é o professor nem a matéria, é o aluno ativo e investigador (LIBANEO, 1994, p. 65).

Constata-se então que a responsabilidade de aprendizagem fica ligada ao aluno, naquilo que acredita ser mais significativo para ele, ou seja, nesse processo o motivo de aprendizagem deveria ser do próprio aluno e o professor entra como facilitador desse processo. Portanto, o processo de ensino aprendizagem depende da capacidade individual de cada professor, de sua aceitação e compreensão do relacionamento com seus alunos.

Acreditava-se que a contribuição desta escola para a sociedade seria a de formar membros que se aceitassem e se respeitassem em suas diferenças. Sem sombra de dúvidas foi a escola que mais teve a participação da afetividade, pois o relacionamento entre professor, aluno e colegas de sala buscava ser de afeto e companheirismo, visto que se valorizava não somente o aspecto racional, mas, também, os emocionais, sensoriais e físicos.

As técnicas pedagógicas eram trabalhadas em grupo, pesquisa, jogos de criatividade. E a avaliação deixa de valorizar os aspectos cognitivos, com ênfase na memorização como na escola tradicional, passando a valorizar os aspectos afetivos, com ênfase na auto avaliação.

Tal aprendizagem seria uma decorrência espontânea do ambiente estimulante e da relação viva que se estabeleceria entre os alunos e entre estes e o professor. Para tanto, cada professor teria de trabalhar com pequenos grupos de alunos, sem o que a relação interpessoal, essência da atividade educativa, ficaria dificultada; e num ambiente estimulante, portanto, dotado de materiais didáticos ricos, biblioteca de classe etc. Em suma, a feição das escolas mudaria seu aspecto sombrio, disciplinado, silencioso e de paredes opacas, assumindo um ar alegre, movimentado, barulhento e multicolorido (SAVIANI, 1991, p. 10).

Pensando neste enfoque de Saviani (1991), fica evidente que as alterações necessárias para este tipo de escola, bem como, a organização deste ambiente implicaria em altos custos que não existiam na escola tradicional, o que acabou acarretando um sistema de escolas experimentais, muito bem equipadas, nas quais frequentavam apenas a elite, contradizendo o que se pregava uma educação universal, gratuita e democrática. Reproduzindo assim, a diferença para a educação dos filhos de operários e dos filhos da elite. Enfatizaram-se as escolas particulares e a alta qualificação dos professores, o que acabou por desqualificar as escolas públicas.

É válido comentar que as consequências foram mais negativas que positivas uma vez que, a menor intensidade com que a disciplina fora aplicada e a despreocupação com a transmissão de conhecimentos, acabou por diminuir o nível do ensino destinado às camadas populares, sendo que estas na grande maioria têm na escola o único meio de acesso ao conhecimento elaborado (SAVIANI, 1991).

Portanto esta escola não obteve muito sucesso, já que os alunos eram os determinantes, os resultados não agradaram, pois as crianças não sabiam que caminho tomar. É notório que a criança necessita do direcionamento de um adulto, caso contrário, ela não saberá escolher o caminho, e nem terá segurança em suas ações.

O amor é a válvula propulsora do desenvolvimento, porém só o amor não basta, é preciso que além da relação professor-aluno autêntica, haja uma prática pedagógica estabelecida no respeito, na autoridade humana e no emprego de limites, de modo que o professor permita o desenvolvimento e o fortalecimento do “eu” do educando para que ele desenvolva autoestima, confiança, respeito a si e ao outro, gerando assim um o desenvolvimento de forma total.

3.2.3 Pedagogia Tecnicista

Esta tendência surgiu com o objetivo de implementar o modelo empresarial na escola, inspirada nos modelos de racionalidade, eficiência e produtividade, típico do sistema capitalista. Buscava ensinar o aluno através do treinamento, e o papel da escola é o de formar indivíduos que se integre à máquina social, funcionando como modeladora do comportamento humano, ou seja, procurou transpor à escola a forma de funcionamento da fábrica, distanciando-se da especificidade da educação.

Buscou-se planejar a educação de modo a dotá-la de uma organização racional capaz de minimizar as interferências subjetivas que pudessem pôr em risco sua eficiência. Para tanto, era mister operacionalizar os objetivos e, pelo menos em certos aspectos, mecanizar o processo. Daí, a proliferação de propostas pedagógicas tais como o enfoque sistêmico, o micro-ensino, o tele-ensino, a instrução programada, as máquinas de ensinar etc. Daí, também, o parcelamento do trabalho pedagógico com a especialização de junções, postulando-se a introdução no sistema de ensino de técnicos dos mais diferentes matizes. Daí, enfim, a padronização do sistema de ensino a partir de esquemas de planejamento previamente formulados aos quais devem se ajustar as diferentes modalidades de disciplinas e práticas pedagógicas (SAVIANI, 1991, p. 13).

Nesta escola prevalece a decisão técnica dos que sabem: os professores. É burocrática e antidemocrática. Enfatiza o compromisso com a eficiência e não com os alunos. Estes por sua vez são vistos como o depositário dos conhecimentos que devem ser acumulados na mente através das associações. Sendo assim, o centro não é mais o professor, nem os alunos, mas sim as técnicas. Nesse contexto o ensino era baseado naquilo que seria útil profissionalmente aos alunos. A reflexão era desvalorizada, enquanto se enfatizava o aprender a fazer competente para inserir-se na sociedade. As técnicas para atingir objetivos instrucionais, era aprender fazendo. O ensino é repetitivo e mecânico e a retenção dos conteúdos é garantida pela repetição de exercícios.

Conforme LIBANEO (1994), esta tendência ganhou autonomia nos anos 60 constituindo especificamente como, inspirada na teoria behaviorista da

aprendizagem e na abordagem sistêmica do ensino. Os organismos oficiais impuseram estas orientações às escolas, por ser compatível com a orientação econômica, política e ideológica do regime militar vigente.

Ainda hoje, elaboram-se livros didáticos baseados na tecnologia da instrução, predominando nos cursos de formação de professores o uso de manuais didáticos de cunho tecnicista, ou seja, de caráter meramente instrumental.

É importante destacar que na abordagem tecnicista a relação professor-aluno, está pautada numa dimensão harmoniosa, porém apenas no intuito de um comportamento responsivo, isto é, não acontece de fato um vínculo afetivo, pois o elo entre professor e aluno ocorre de forma mecanicista, numa busca incessante de comportamentos desejados. Para isso utilizam-se condicionamentos e negociações, ou seja, premiações por ter concluído adequadamente as tarefas.

3.2.4 Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos

Esta tendência tem como principal tarefa difundir os conteúdos ligados a realidade social. A escola prepara o aluno para compreender o mundo adulto e suas contradições, levando em consideração os conteúdos culturais universais, incorporados pela humanidade. O ensino tem seu início, partindo dos conhecimentos acumulados pelo aluno, levando em consideração que a aprendizagem se dá desde o nascimento e os conteúdos devem estar ligados de forma indissociável a sua significação humana e social.

Segundo Libâneo (1994), o método de ensino se baseia na relação direta com a experiência do aluno, de modo a se confrontar com o saber trazido de fora, proporcionando uma unidade entre teoria e prática. O professor atua como mediador dessa interação, pois o conhecimento é resultado de trocas estabelecidas na relação com o meio. Então o enfoque será a mobilização do aluno, para que haja uma participação ativa, através da qual se possa formar uma consciência crítica diante da realidade social, visando que esse alunado compreenda a sua importância no processo de transformação da sociedade.

Desta forma a aprendizagem depende tanto da disposição do aluno, quanto do professor e do contexto da sala de aula. Visto que nesta perspectiva o professor organiza os conhecimentos prévios e propicia o aprofundamento destes através de estratégias desafiadoras capazes de aguçar o desejo de aprendizagem. Sendo

assim a função principal do professor é de orientar e dirigir os alunos, a fim de que eles desenvolvam gradativamente sua intelectualidade.

Os métodos são determinantes pela relação objetivo-conteúdo, e referem-se aos meios para alcançar objetivos gerais e específicos do ensino, ou seja, ao “como” do processo de ensino, englobando as ações a serem realizadas pelo professor e pelos alunos para atingir os objetivos e conteúdos (LIBANEO, 1994, p. 149).

Todavia, é importante ressaltar que o professor deve estar atento à forma de aprendizagem de cada aluno, respeitando suas especificidades, porque não existem salas homogêneas, os conteúdos poderão ser os mesmos, mas com metodologias diferenciadas e procedimentos variáveis, no intuito de proporcionar o desenvolvimento global do aluno.

O trabalho embasado nesta teoria permite um relacionamento harmonioso e afetivo, porque quando o aluno verifica que a sua história de vida, bem como as suas experiências são valorizadas pelo professor, proporciona prazer e entusiasmo para adquirir novos conhecimentos, haja vista o aumento da confiabilidade do aluno em seu professor, tornando o professor mais próximo de seus alunos. A criança percebe quando o professor gosta dela e procura tirar proveito dessa situação, cabe ao professor que gostar não significa fazer todas as vontades, mas agir com dedicação, carinho e autoridade.

3.3 RELATO DE EXPERIÊNCIA

A motivação fundamental que resultou na elaboração deste trabalho é a experiência que vivencio como educadora. Atuo como professora na escola de educação especial (APAE) do município de Santa Isabel do Ivaí há mais ou menos quinze anos, na qual já tive oportunidade de lecionar para turmas de diferentes faixas etárias, bem como de diferentes tipos de transtornos e síndromes. Em período contrário, também leciono na rede regular de ensino. Esta prática pedagógica me possibilitou acompanhar como se dá o desenvolvimento dos alunos em âmbitos diferenciados.

Pude constatar que, embora haja diferenças intelectuais que influenciam e acarretam diferenças no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem,

bem como as especificidades intrínsecas de cada ser humano, existe também uma igualdade que é comum a todos, isto é para que ocorra o desenvolvimento das estruturas biológicas, psicológicas e sociais se faz necessário a relação afetiva entre professor e aluno.

Sendo que neste momento vou me ater ao relato de um caso específico, o qual foi a válvula propulsora sobre a minha escolha em realizar esta pesquisa.

No ano de 2011 comecei a lecionar para uma turma do ensino fundamental na escola de educação básica na modalidade de educação especial. Constatei que nesta turma havia um aluno, o qual denomino de G, com um caso agravante de comportamento, que na verdade se apresentava como uma incógnita para a equipe pedagógica e até para o médico neurologista, que ainda não havia concluído o seu diagnóstico, pois havia suspeita de um quadro de psicopatia, e que deveria ser melhor investigado.

Juntei-me então à equipe avaliadora, para que pudesse compreender e acompanhar melhor o desenvolvimento e as atitudes desse aluno, e assim desenvolver o meu trabalho. Destaco aqui o que me foi relatado.

A queixa apresentada é de que o referido aluno apresentava resistência em frequentar a escola (vinha esporadicamente, quando havia a intervenção do Conselho Tutelar). Ao comparecer mantinha um comportamento inadequado de birras e choros constantes, agressividade verbal com a professora e os colegas, e se negava em realizar qualquer atividade que lhe era solicitada dentro da sala de aula.

Relatou-me ainda que no momento da avaliação, G demonstrou-se com humor apático, não respondendo qualquer tipo de intervenção. Portanto foi necessário utilizar atividades que não havia necessidade de respostas verbais, tal era sua resistência e fechamento. De acordo com a avaliadora, houve procedimentos formais e informais de avaliação, neste caso utilizou-se o teste Raven¹, por ser de rápida e fácil aplicação e que no momento ela tinha concluído ser o mais apropriado.

Através desta avaliação foi possível constatar que G. encontrava-se intelectualmente deficiente, ou seja, significativamente à baixo da média no que se

¹ Teste de Raven: Trata-se de um teste de raciocínio lógico onde o candidato deverá identificar qual a opção que preenche o espaço em branco da figura principal, com o objetivo de avaliar a capacidade imediata para observar e pensar com clareza.

refere aos aspectos cognitivos, para sua faixa etária (11 anos), e nível de experiência.

Quanto aos aspectos pedagógicos, me foi relatado que, ao decorrer da avaliação G também não respondia de maneira esperada aos estímulos e atividades apresentadas necessárias para uma coerente avaliação, o que dificultou a constatação exata de qualquer tipo de distúrbio. Porém com o pouco que pode ser feito, detectou-se uma significativa dificuldade de aprendizagem, pois o mesmo não soube nomear todo o alfabeto. É evidente que o fato de não frequentar a escola assiduamente, favorecia ainda mais o seu fracasso escolar.

Um fator que considerei relevante foi a informação de que G também não mantinha um bom relacionamento familiar, não respeitava limites e regras, ficava sempre isolado e isto contribuía para os déficits de socialização, comunicação, atenção e habilidades cognitivas, pois o mesmo era pouco estimulado no seu ambiente familiar. A única motivação que ele tinha para conversa era contar sobre os passarinhos que ele matava, a maneira como eles morriam, e cenas de filme de terror, ou seja, gostava de descrever cenas sanguinárias.

Mediante esse quadro que me foi apresentado sobre o respectivo aluno, fiquei perplexa. A convicção que eu tinha, era que o primeiro passo a ser dado deveria ser, conquista-lo a frequentar assiduamente a escola. A aprendizagem viria depois.

A princípio como não se socializava, utilizei os recursos lúdicos (músicas, vídeos, jogos, desenhos, etc.). Ele, porém, não realizava todas as atividades que lhe eram propostas, ficava desconfiado, e argumentava que não gostava ou não sabia, frisava muito esse termo “Eu não sei fazer, eu não aprendo, não sei fazer nada.” Precisei trabalhar muito com este sentimento, repetindo por várias vezes que ele era capaz, que conseguiria que era inteligente, ou seja, comecei um trabalho de desenvolvimento da autoestima, valorizando tudo o que ele realizava, ainda que fosse um rabisco. Mesmo com a minha afirmação de que o que ele fazia era bom, G não internalizava isso, e me dizia “você fala, mas não está bom, eu sei que não”.

Percebi então, que G gostava de desenhar, e explorei muito esta área com interpretação, através de desenhos, história em quadrinhos, etc. Não vou me ater nas atividades, pois o meu foco é ressaltar a importância que a afetividade estabeleceu nesse relacionamento.

Este aluno residia na área rural, e por muitas vezes quando o veículo escolar passava para pegá-lo saia correndo pelo pasto como se fosse um “bichinho assustado” e não vinha, quando comparecia eu sempre conversava sobre a atitude que ele havia tido, dava atenção, porém não deixava de cobrar sua presença na escola, não com autoritarismo, mas ressaltava a importância da presença dele e o quanto eu e seus colegas havíamos sentido a sua falta.

G costumava usar roupas enormes, e de mangas longas, mesmo no verão. Fui trabalhando também esse aspecto e percebi que tinha vergonha do seu corpo, se achava muito feio.

Foi um trabalho árduo embasado na afetividade, sempre elogiando suas boas ações, e demonstrando-lhe suas más ações com diálogo e carinho, no intuito de que ele percebesse que o foco estava nas suas boas ações e não ao contrário. Mostrava seus trabalhos para outros professores na presença dele, e elogiava seus avanços, percebia um contentamento no seu semblante quando isto ocorria. Quando me dei por conta, suas faltas diminuíram, eram uma ou duas por semana. O pai desse aluno veio à escola, e me disse estar surpreso com o comportamento do filho, porque estava mais interessado em estudar. Passei tudo a ele como estava realizando o meu trabalho e pedi a sua colaboração, quanto a valorização da sua autoestima.

Enfim, G continua sendo meu aluno, mas todos que o conheceram anteriormente se surpreendem com os avanços obtidos por ele, em todos os aspectos. É certo de que tem uma limitação intelectual, mas hoje está quase alfabetizado, escreve e lê palavras simples, interage com a professora e os colegas, usa roupas adequadas (manequim apropriado ao seu tamanho), não falta à escola por nada, termina as atividades antes dos demais colegas e me diz “me da outra atividade, não posso ficar parado porque preciso aprender a ler e escrever”.

Em sua última avaliação médica, G foi muito elogiado, pode ser constatado clinicamente uma significativa melhora quanto ao seu comportamento, tanto no aspecto social, como no aspecto cognitivo.

É importante destacar que durante este processo de interação e afetividade, houve a participação e a colaboração de toda a equipe multifuncional da escola, bem como a colaboração dos agentes educacionais.

Portanto, fica claro que para se realizar um bom trabalho e obter-se resultados positivos, devem unir-se o conjunto da comunidade escolar, ou seja se

faz necessário a parceria entre escola e família, bem como, todos os membros envolvidos no processo educacional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como intenção entender o relacionamento afetivo entre professor e aluno e sua influencia no processo ensino-aprendizagem, bem como a sua influencia na vida do adulto, compreendendo que este internaliza situações vivenciadas desde a primeira infância, as quais terão sobre sua evolução mental uma ação determinante.

Conforme as teorias estudadas, foi possível confirmar as hipóteses, de que o desenvolvimento cognitivo ocorre juntamente com o desenvolvimento afetivo, e que não é possível separar razão e emoção. Sendo assim entende-se que todas as relações devem ser permeadas pela afetividade, quer sejam de ordem familiares, profissionais ou pessoais.

Constata-se também a necessidade dos professores trabalharem mais a relação de afetividade dentro da sala de aula para melhorar o processo de aprendizagem.

É importante destacar que afetividade entre professor - aluno, conforme os autores aqui estudados, não se restringem somente em ser bonzinho ou expressar-se com palavras de carinho, a afetividade abrange muito mais que apenas esta definição, ser afetivo é também desenvolver atitudes de respeito e responsabilidade para com seus alunos e criar laços que possibilitem a interação do professor, representante e intermediário da integração do aluno na sociedade, com o próprio aluno em sua individualidade e liberdade.

De acordo com Libaneo (1994, p. 251), “a liberdade é o fundamento da autoridade e a responsabilidade é a síntese da autoridade e da liberdade”. Em muitos casos buscando ter autoridade em sala, o professor acaba por se tornar arrogante, humilhando os alunos e essa atitude em nada contribui para o desenvolvimento deles.

Portanto o professor deve estar ciente da importância que tem no desenvolvimento cognitivo, psicológico e social do aluno, pois é ele quem faz a mediação entre o aluno e a sociedade, relacionando o que ele já conhece (sua origem) com o que virá a conhecer (o que o meio lhe oferece). Para tanto se faz necessário colocar o aluno como centro de todo o processo de elaboração das suas aulas e ter consciência da sua responsabilidade educativa. Deverá estar sempre pronto a refletir sobre a sua metodologia de ensino, analisar sua própria postura

perante sua sala de aula, estar reciclando sua prática pedagógica e educativa, no intuito de estimular a aprendizagem, a motivação dos seus alunos, e que tudo isso aconteça num ambiente harmonioso, de maneira que além de aprender os conteúdos escolares, aprendam também a serem cidadãos equilibrados, conscientes e críticos da sua realidade.

Constatam-se através das fundamentações teóricas, observações e da prática aqui relatada, que a afetividade é de suma importância no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, uma depende da outra para um bom desenvolvimento da criança. Conforme o caso relatado nesta pesquisa é possível afirmar que, para que ocorra o desenvolvimento da aprendizagem, uma criança precisa ter uma boa autoestima, confiar primeiramente em si mesmo, estar segura de que as pessoas que estão ao seu lado, se preocupam com ela e estão dispostas a ajuda-la, que o seu professor é seu amigo. Isso tudo contribuirá para que uma criança seja ela “especial” ou “normal” possa desenvolver um processo de aprendizagem mais positivo e fecundo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana Rita Silva. **O que é afetividade? Reflexões para um conceito.** Disponível em: <<http://www.cefetes.br/gwadocpub/Pos-Graduacao/Especializa%C3%A7%C3%A3o%20em%20educa%C3%A7%C3%A3o%20EJA/Publica%C3%A7%C3%B5es/anped2001/textos/t2004446634094.PDF>>. Acesso em: 31 de agosto de 2013.
- CARVALHO, Arlete Maria; FARIA, Moacir Alves. **A construção do afeto na educação.** Saberes da Educação, nº 1, 2010.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica: Para uso dos estudantes universitários.** São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 96.
- GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire.** São Paulo: Scipione, 1999.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas em pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- HORN, G. **Diretrizes para produção de trabalhos monográficos.** Curitiba: FIES, 2001.
- LIBANEO, José Carlos. **Didática.** (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor). São Paulo: Cortez, 1994.
- MIZUKAMI, Maira G.N. **Ensino: As abordagens do Processo.** São Paulo: Vetor, 2006.
- MORGADO, M, A. Apud, Janira Siqueira; LIMA, Raymundo de. O desenvolvimento afetivo-emocional. In: CAMARGO, Janira Siqueira; ROSIN, Sheila Maria, (Org). **Psicologia e educação: compartilhando saberes.** 2. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 55.
- PIAGET, Jean William Fritz. **A formação do símbolo na criança.** 3 ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 1964.
- PIAGET, Jean William Fritz. A lógica própria da criança como base do ensino. In: **Teorias da Aprendizagem.** Curitiba: IESDE, 2003. p. 45.
- PIAGET, Jean William Fritz. **Psicologia e Pedagogia.** Tradução de Dirceu Accioly Lindoso e Rosa Maria Ribeiro da Silva. São Paulo: Forense, 1970.
- PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?.** Rio de Janeiro, Livraria JOSÉ OLYMPO. Editora - UNESCO, 1973.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia Afetiva**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SALVADOR, Cezar Coll. **Psicologia da Educação**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. 25 ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SOUZA, Marcia Helena de; MARTINS, Maria Aurora Mendes. (Org.). **Psicologia do Desenvolvimento**. Curitiba: IESDE, 2003.

VYGOTSKY, L. S. Teoria e método em psicologia. In: ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade e Cognição: Rompendo a Dicotomia na educação**.

WALLON, Henri. (1941-1995). A evolução psicológica da criança. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-69752005000100002&script=sci_arttext>. Acesso em: 07 de abril de 2013.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Henri Wallon; com introdução de Émile Jalley. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 122-124.